Dia 19 — São Pedro Celestino, Papa e Confessor

São Pedro, chamado de Morrone, do monte em que tinha sua ermida, e depois Celestino, do nome que tomou quando foi elevado ao pontificado, nasceu por volta dos anos de 1221 num lugar chamado Isérnia, nos confins da Púlia e do Abruzzo, perto da Terra de Lavoro, na Itália. Na história de sua vida, que o mesmo santo deixou escrita de sua mão, diz que seus pais eram de família honrada, de piedade universalmente conhecida e que se faziam distinguir por sua hospitalidade. Tiveram doze filhos, dos quais foi nosso santo o undécimo.

À idade de cinco anos perdeu seu pai; mas no amor, no juízo e na virtude de sua mãe achou um equivalente desta perda. Entretendo-se um dia esta virtuosa mãe com sua numerosa família, disse por modo de diversão: «Será possível que, tendo-me dado Deus tantos filhos, nem sequer um deles haja de ser um grande servo seu?» «Não, mãe, respondeu Pedro com inocente intrepidez, isso não é possível, eu hei de sê-lo, porque quero ser santo.» Esta resposta, junto com o antecipado juízo que em tudo mostrava o menino e com a facilidade em aprender qualquer coisa que lhe ensinassem, determinou a boa mãe a dedicá-lo ao estudo; mas, como na casa havia tanta escassez de bens de fortuna que todos os demais irmãos se viam obrigados a trabalhar para comer, consideravam este destino do penúltimo como uma vocação de vadiagem. Serviu-se o demônio assim dos ciúmes como da murmuração de seus parentes para cortar-lhe a carreira dos estudos; mas, como a divina Providência tinha seus altos desígnios acerca daquele mancebo, não permitiu que a virtuosa mãe se rendesse às queixas nem às murmurações. Habilitou-se Pedro nas ciências, mas muito mais na importante ciência da salvação. Favoreceu-o Deus com muitas visões e o cumulou de tão singulares graças que, desgostado e enfastiado do mundo, só pensou em voltar-lhe as costas.

Era de só vinte anos quando, saindo da casa de seus pais, retirou-se a um monte, onde encontrou uma penha que, parecendo-lhe muito acomodada para seus intentos, cavou ao pé dela uma estreita gruta em que não cabia deitado nem podia estar em pé. Ali passou três anos em assombrosas penitências e em contínuas tentações, representando-se-lhe com a maior viveza todos quantos objetos lisonjeiros e provocativos havia visto no mundo e aparecendo-lhe frequentemente o demônio em várias figuras espantosas. Para resistir a tão furiosos combates não recorria a outras armas que à oração, à penitência e à proteção da santíssima Virgem, com as quais e com a graça de Deus conseguiu sempre as mais gloriosas vitórias. Por mais que procurou ocultar-se, descobriu-o sua virtude, à cuja fama concorreram a ele muitas pessoas que, reconhecendo sua eminente santidade, lhe instaram para que se fizesse sacerdote e por fim lhe persuadiram que passasse a Roma para receber as sagradas ordens.

Não podendo empreender por então a viagem, detido pela neve que cobria o monte e cegava os caminhos, fez reflexão sobre a sublime dignidade do sacerdócio, atemorizou-se e, à vista de sua indignidade, mudou de parecer e resolveu não fazer-se em sua vida sacerdote. Neste estado apareceu-lhe um venerável ancião vestido de branco e disse-lhe estas palavras: «Dize missa, filho meu, dize missa.» Respondeu-lhe Pedro: «São Bento e outros santos nunca se atreveram a receber as ordens sagradas; como queres que eu, pecador e miserável, me considere digno de recebê-las?» «Digno, filho meu!, replicou-lhe o velho; e quem foi jamais digno disso? Dize missa com devoção e com respeito, dize missa»; e, ao dizer estas palavras, desapareceu. Não deliberou Pedro nem um só instante, pondo-se a caminho de Roma. Recebido o sacerdócio, restituiu-se à Púlia com resolução de fazer uma vida correspondente à santidade do caráter com que o havia honrado Deus. Retirou-se ao monte Morrone e elegeu para seu domicílio uma estreita cova, que parecia uma sepultura, na qual tinha sua habitação uma monstruosa serpente, que fugiu logo que o santo entrou a tomar posse dela.

Cinco anos passou neste horrível deserto, vivendo mais como anjo que como homem, até que foram roçar aquela parte do monte que rodeava a cova para cultivá-lo. Com esta novidade abandonou-a, passando ao monte Magela, onde achou uma vasta e profunda caverna em que se acomodou ele e outros dois solitários, que se haviam posto sob sua direção e não queriam deixá-lo. Mas o inimigo de nossa salvação, prevendo ou receando os grandes bens que havia de produzir aquela recente congregação sob a disciplina de tão grande mestre, não poupou meio algum para desfazê-la ou ao menos para turbar sua quietude.

Nem as inclemências do tempo, nem as incomodidades do sítio, nem a espantosa austeridade da vida eram a maior tentação que padeciam. Não deixou o demônio invenção, estratagema nem artifício de que não se valesse para desgostá-los; e já os dois companheiros principiavam a atemorizar-se e a vacilar, se o santo diretor, tornando-lhes visíveis as ilusões do inimigo, não lhes houvesse alcançado a perseverança.

Logo se aumentou seu número; porque, apesar dos meios de que se valeu Pedro para ocultar-se, estendida por toda a Itália a fama de sua santidade, acudiram muitos a pôr-se sob sua direção, ainda que sua humildade resistia sempre a governar ninguém.

Este foi o princípio daquela célebre religião dos Celestinos, que mais de quatrocentos anos há se faz tão respeitável no mundo pelos grandes exemplos que lhe dá de penitência, de solidão e de virtude, unindo admiravelmente, segundo seu instituto, o espírito do retiro com o da vida cenobítica. Não tomou o nome de religião dos Celestinos até que o escolheu seu glorioso fundador, quando o fizeram digno sucessor de São Pedro.

Logo que o santo se rendeu a ter discípulos, concorreram tantos de todas as partes que foi preciso fazer celas, edificar um convento e levantar igreja onde a modéstia e a santidade se via pintada nos filhos de nosso Pedro, movendo tanto a todos os que acudiam a vê-los por uma devota curiosidade que faziam cada dia insignes conversões.

Nos princípios não tiveram outra regra que os exemplos de seu santo diretor, sendo para eles um modelo traçado segundo a perfeição do Evangelho. Empregava o santo em oração quase todo o dia e a maior parte da noite, acompanhando-a sempre com abundantes lágrimas; e, quando não

orava, ocupava-se em algum trabalho de mãos. Proibiu-se o uso do vinho e da carne ainda quando estava enfermo; e, como se não houvesse bastado esta abstinência, observava ao ano quatro quaresmas; jejuava as três a pão e água, a quarta excedia na abstinência às outras três. Em certa ocasião chegou sua penitência a ser excessiva; porque se condenou a passar os quarenta dias numa espécie de sepultura, sem outra provisão que dez pães e oito cebolas; em cujo tempo, resolvido a não deixar-se ver de pessoa alguma, caiu tanta água e tanta neve e foi o frio tão rigoroso que, endurecidos e gelados seus vestidos, teria perdido a vida ao rigor do temporal, se seu abrasado amor de Deus não o houvesse ajudado a vencer tais inclemências. No fim da quaresma, tendo seus discípulos ido vê-lo naquela cova ou sepultura, encontraram-no meio morto e, tirando-o dali, notaram que tinha ainda cinco pães e que não podia ter vivido tanto tempo sem milagre. Obrigaram-no a que moderasse algo suas inimitáveis penitências; mas a moderação foi quase imperceptível aos que eram testemunhas delas. Trazia à raiz da carne um cilício de crinas semeado de nós e uma cadeia de ferro; sua cama era a nua terra ou quando muito uns sarmentos, sem outro travesseiro que uma dura pedra. Mas em meio de tão assombrosas penitências conservava sempre um semblante alegre, sereno e risonho, com um trato tão doce e tão apacível que enfeitiçava quantos concorriam a falar-lhe.

Mas, crescendo cada dia o número de seus discípulos e tendo notícia de que no concílio geral, que estava para celebrar-se em Lião, seriam extintas todas as religiões que não estivessem aprovadas pela Sé Apostólica, foi com dois de seus discípulos lançar-se aos pés de Gregório X para que aprovasse a sua. Recebeu-o o papa com aquela veneração que merece a verdadeira santidade; confirmou e aprovou com grandes elogios sua religião e deu-lhe por regra a de São Bento. Voltado o santo a Magela, convocou seus religiosos, deu-lhes constituições, e desde então cresceu a ordem com tão maravilhosos progressos que em pouco tempo se contavam mais de mil e seiscentos monges em trinta e seis mosteiros.

À fama dos milagres que obrava Deus pelas orações de seu servo e da veneração que toda a Itália lhe professava concorriam a ele de todas as partes, tanto que, sendo-lhe impossível falar e consolar a todos em particular, via-se obrigado a subir a algum lugar eminente para que tivessem o consolo de vê-lo e de ouvi-lo todos os que o desejavam; mas, fazendo-se-lhe insuportável esta concorrência de gentes por seu grande amor à solidão e ao retiro, começou a olhar com tédio o mosteiro do monte Magela. Resolvido a deixá-lo, escolheu um pequeno número de monges e secretamente se retirou com eles a um sítio muito solitário chamado São Bartolomeu de Lója; mas, descoberto nele pouco tempo depois, ainda foi maior o concurso dos que o buscavam; o que o obrigou a escapar-se com um só religioso, fugindo a esconder-se numa gruta quase inacessível que estava no mais alto do monte Magela: empenho inútil, porque quanto mais se esforçava o humilde servo de Deus em ocultar-se à vista dos homens, mais se empenhava o mesmo Deus em manifestá-lo. Não foi para ele mais tranquilo este deserto que o haviam sido os outros; porque, estendido o rumor de sua nova habitação, ainda foi maior o concurso do que havia sido nas antecedentes; isto o fez crer que o Senhor não o queria naquele deserto e assim restituiu-se a sua antiga e primeira cela do monte Morrone.

Fazia catorze meses que estava vacante a cadeira de São Pedro por morte de Nicolau IV e passaram-se ainda outros treze sem que os cardeais, congregados em Perúgia, pudessem convir-se na eleição de sucessor, quando, cansados enfim de uma dilação tão prejudicial e tão sensível a

todo o orbe cristão, o cardeal de Óstia, Latino Malabranca, movido sem dúvida de certa secreta inspiração, propôs no conclave o solitário Pedro de Morrone, como o homem mais santo que se conhecia então no mundo. Aplaudiu todo o sacro colégio um pensamento tão digno, e a Igreja celebrou com o maior regozijo uma eleição tão legítima como desinteressada; mas ficava por vencer a maior dificuldade, que era render a humildade do santo a que desse seu consentimento. Enviaram-lhe a ata de sua eleição pelo arcebispo de Lião e pelos bispos de Orvieto e do Porto, com dois notários apostólicos, e uma carta muito reverente, mas muito enérgica, em que lhe suplicavam que não se opusesse à vontade de Deus resistindo a sua eleição e concluíam pedindo-lhe que se dignasse passar quanto antes a Perúgia.

Faltou pouco para que lhe custasse a vida esta notícia; e, sem dar ouvidos nem às razões dos deputados nem às estreitas instâncias dos reis da Sicília e da Hungria, que haviam ido visitá-lo, fugiu secretamente; mas, como era observado de tantos, logo o encontraram. Obrigado por fim a ceder a tantas súplicas, partiu para Áquila, onde quis ser consagrado, fazendo a viagem num humilde jumento, sem que lhe pudessem persuadir outra coisa as instâncias dos príncipes nem dos cardeais. Foi sua consagração e sua coroação na cidade de Áquila no dia 29 de agosto do ano 1264 [^1]; e tomou o nome de Celestino V, o que tomou também sua religião, que até ali se havia chamado a congregação de São Damião.

Não fez mudança com a suprema dignidade nem na austeridade da vida nem nas máximas de sua profunda humildade. Mandou construir em seu palácio pontifício uma celinha de madeira muito parecida com a que tinha na ermida. Era para o santo pontífice uma verdadeira cruz o tumulto da corte, a multidão e o estrépito dos negócios; mas nada alterava aquela paz e tranquilidade interior que gozava sua alma; sendo cada dia mais íntima sua união com Deus e deixando-se admirar sua virtude ainda mais desde a elevação da cadeira de São Pedro que no mosteiro de Morrone.

Depois de sua consagração, a instâncias e repetidas súplicas do rei da Sicília, passou a Nápoles, onde proveu vários empregos para a administração das rendas da sé apostólica e para o governo da corte de Roma. Nomeou excelentes sujeitos para muitos bispados vagos e fez uma promoção de doze cardeais, todos de mérito muito sobressalente, sete franceses e cinco italianos, entre os quais havia dois de sua ordem, cuja virtude tinha bem experimentada. Davam todos mil graças a Deus por haver enviado a sua Igreja tão santo pastor quando, despertando-se de novo seu natural amor ao retiro, não suspirou por outra coisa que pela solidão.

Posta de acordo sua humildade com sua natural inclinação, persuadiu-se de que não podia deixar de padecer muito detrimento a Igreja por sua falta de experiência nos negócios e por sua notória insuficiência. Parecia-lhe que não tinha forças para tão pesada carga e, suspirando sempre por seu amado retiro, resolveu tirá-la de seus ombros. Não achou muita resistência nos cardeais, ainda que alguns lhe quiseram meter em escrúpulo pela voluntária abdicação que meditava; mas outros muitos o sossegavam, pondo-se da parte de sua resolução. Expediu uma bula em que declarava que qualquer pontífice podia renunciar por si mesmo a tiara; e, apesar das instâncias de muitos cardeais, tanto franceses como italianos, que só atendiam à eminente santidade de tão grande pontífice, resolveu fazer demissão do sumo pontificado. Logo que se estendeu a voz pela corte de Nápoles, concorreu ao palácio em procissão um grande número de prelados, todo o clero, os religiosos e o povo; e, tendo-se deixado ver o papa numa janela para dar-lhes a bênção, um

prelado lhe suplicou em alta voz, em nome de todo o clero e de todo o povo, que não pensasse Sua Santidade em deixar um cargo que exercia tão dignamente; mas nada disto bastou para aquietar seus escrúpulos e assim renunciou solenemente o sumo pontificado em pleno consistório no dia 13 de dezembro, cinco meses e oito dias depois de sua exaltação. No mesmo dia deixou todas as insígnias e, tomando seu hábito de monge com o nome próprio de Pedro, lançou-se aos pés dos cardeais, suplicando-lhes que remediassem quanto antes seus desacertos com a pronta eleição de um sucessor que ocupasse dignamente a cátedra de São Pedro. Este espetáculo tão raro enterneceu os assistentes, tirando-lhes as lágrimas dos olhos. São Pedro Celestino desceu assim do trono apostólico com maior gozo que outros sobem a ele e já não pensou mais que em retirar-se a seu mosteiro.

Mas o cardeal Benedito Caetano, que onze dias depois foi nomeado papa na mesma corte de Nápoles e coroado em Roma no dia 16 de janeiro seguinte com o nome de Bonifácio VII [^2], julgou que devia assegurar-se da pessoa de seu predecessor e negou-lhe a licença que, posto de joelhos, lhe pedia para retirar-se ao deserto e passar o resto de seus dias em sua pobre cela. Crendo o santo que esta repulsa não tinha outro princípio que o desejo de detê-lo na corte, fugiu secretamente a seu mosteiro, onde foi recebido com todas as demonstrações de alegria e de veneração devidas a sua virtude. Entrou o papa em apreensão por esta fuga; e, temendo que alguns abusassem de sua santa singeleza para excitar algum cisma, despachou imediatamente um camareiro seu com o abade de Monte Cassino para que o trouxessem a Roma. Teve o santo notícia antecipada disto; e, tomando consigo um de seus monges, escondeu-se com ele num espesso bosque, onde passou toda a quaresma. Noticioso de que haviam chegado ao mosteiro os que iam buscá-lo por ordem do papa, meteu-se numa barca para passar o mar Adriático; mas, obrigado pelos ventos contrários a ancorar no porto de Trieste, foi preso e conduzido a Anagni, onde se achava então a corte pontifícia. Foi célebre esta viagem pela multidão dos que concorreram de todas as partes para ver o santo e pelos muitos milagres que fez no caminho. Atribuindo o papa a fuga de São Pedro a motivos muito distintos, teve por conveniente encerrá-lo no castelo de Fumone. Não se alterou a tranquilidade de nosso santo vendo-se em estado tão diferente; antes costumava dizer com muita graça: «Não tenho de que queixar-me: cela queria e cela tenho.»

Não foi longa a estada nesta nova espécie de solidão: sua avançada idade, o rigor de suas excessivas penitências que jamais mitigou e a debilidade de sua saúde lhe advertiam já que não estava distante o fim de sua carreira; e, acabando de dizer missa com um fervor extraordinário no dia de Pentecostes do ano de 1296, disse a dois monges de sua ordem que lhe faziam companhia que certamente morreria dentro da oitava. Caiu enfermo no dia seguinte; pediu a extrema-unção, que recebeu estendido num estrado, não tendo querido usar jamais de outra cama, e morreu com a morte dos santos no dia 19 de maio, pronunciando aquelas palavras do último salmo de laudes: *Omnis spiritus laudet Dominum:* louve ao Senhor tudo o que tem vida. Morreu à idade de quase 75 anos, aos dezessete meses depois de haver renunciado a tiara e aos dez de sua prisão no castelo de Fumone.

Mandou o papa Bonifácio que se celebrassem suas exéquias com a maior solenidade, tanto na igreja de São Pedro como na de Santo Antônio, perto de Ferentino, onde foi enterrado. E, continuando Deus em manifestar a santidade de seu servo com novos milagres, por ordem de Clemente V trabalhou-se no processo de sua canonização no ano de 1305 [^3], e no mesmo

celebrou-se esta no dia 5 de maio com extraordinário aparato; pois, não se contentando o papa com oficiar pontificalmente a missa, ele mesmo fez um grande panegírico do santo e fixou sua festa no dia 19 de maio. Veneram-se suas relíquias na igreja dos Celestinos da cidade de Áquila, ainda que há também uma porção delas nos Celestinos de Paris e outras menores em diferentes igrejas.

Martirológio Romano

A festa de São Pedro de Morrone, que de anacoreta foi criado papa com o nome de Celestino V; mas, renunciando o pontificado para voltar a sua solidão, viveu nela santamente e, esclarecido em virtudes e milagres, entrou no gozo do Senhor.

Em Roma, Santa Pudenciana, virgem, que, depois de haver sustentado infinitos combates, de haver enterrado com reverência muitos corpos de santos mártires e de haver distribuído quase todos os seus bens aos pobres por amor de Jesus Cristo, passou por fim da terra ao céu.

Ali mesmo, São Pudente, senador, pai desta mesma virgem, que, tendo-se revestido de Jesus Cristo no batismo que lhe conferiram os apóstolos, conservou sem mancha a roupa da inocência até o fim de sua vida.

Além disso, em Roma, na via Ápia, a festa de São Calócero, camareiro-mor da mulher do imperador Décio, e de São Partênio, superintendente em outro ofício, os quais, não querendo sacrificar aos ídolos, foram martirizados por ordem do mesmo imperador.

Em Nicomédia, São Filotero, filho do procônsul Paciano, que, depois de haver padecido muito no tempo do imperador Diocleciano, recebeu a coroa do martírio.

Na mesma cidade, seis santas virgens e mártires: a principal, que se chamava Ciríaca, tendo repreendido livremente a impiedade de Maximiano, foi açoitada cruelmente, destroçado todo o seu corpo e por último queimada.

Em Cantuária, Santo Dunstano, bispo.

Na Bretanha, Santo Ivo, presbítero e confessor, que por amor de Jesus Cristo advogava as causas dos órfãos, das viúvas e dos pobres.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Petrum Cœlestinum ad summi pontificatus apicem sublimasti, quique illum humilitati postponere docuisti: concede propitius, ut ejus exemplo cuncta mundi despicere, et ad promissa humilibus præmia pervenire feliciter mereamur. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que sublimastes o bem-aventurado Pedro Celestino ao cume do sumo pontificado e depois lhe ensinastes a pospor à humildade aquela elevação, concedei-nos benigno que, a sua imitação, desprezemos todas as coisas do mundo e mereçamos conseguir os prêmios que estão prometidos aos humildes. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 da Sabedoria, e a mesma que a do dia 5.

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

«Já se disse que este livro, chamado umas vezes do Eclesiástico e outras da Sabedoria, se escreveu em hebraico e foi traduzido em grego por um neto do autor, reinando Ptolomeu Fiscão. São Jerônimo assegura haver visto em seu tempo um exemplar hebraico que não se intitulava do Eclesiástico, mas das Parábolas.»

Reflexões

Este é o grande sacerdote que agradou a Deus durante sua vida. Só foi grande porque agradou a Deus enquanto viveu; qualquer outra ideia de grandeza é abusiva. O nascimento ilustre dá grande nome, as riquezas grande crédito, as belas e grandes ações muita fama, os empregos grande reputação e as dignidades posto elevado; mas, falando com propriedade, nada disto dá a verdadeira grandeza. O nome fica nos arquivos, ou quando muito em uns pergaminhos velhos; o crédito se perde com o dinheiro; a fama se esquece e chega a extinguir-se de todo com o tempo; as dignidades e os empregos passam sucessivamente de uns a outros como se lhe antoja ao príncipe; e o mesmo príncipe se vê despojado de todo o seu majestoso aparato, enterrando-se com ele a grandeza e a majestade no sepulcro. Faça-nos agora ver o mundo onde está a solidez e a estabilidade dessas imaginárias grandezas que tanto apregoa. Pode-se ter grande nome, grande equipagem, grandes rendas, grande dignidade, sem ser grande; porque a grandeza, falando a rigor, deve ser qualidade inerente à pessoa. Onde está a grandeza sem mérito? Onde está o mérito sem virtude? Grandeza que se afunda e se desvanece com a vida não é grandeza, não merece este nome; é uma grandeza imaginária que só subsiste no lisonjeiro conceito e na vã fantasia dos homens. Só Deus é grande, e só com respeito a Deus se há de medir toda a humana grandeza. O mais pobre lavrador é verdadeiramente grande, sendo santo. Os servos de Deus não necessitam de empregos nem de dignidades para ser grandes; a grandeza vai buscá-los em seus maiores abatimentos, em sua humildade mais profunda. Eminências, excelências, grandezas, títulos pomposos, respeitáveis dignidades, tronos augustos, dizei-me: passais mais além da morte? Dá-se muito valor a vossos direitos no outro mundo? Desenganemo-nos: este privilégio só é devido à virtude cristã; só a santidade goza este direito, a ela rendem homenagem os grandes da terra. Seja santo um pobre criado, um vil escravo; prostrar-se-á a seus pés o maior monarca do mundo; ter-se-á por ditoso em pôr sob sua proteção sua pessoa, sua casa e seu reino. *Agradou a Deus.* Não se diz: nasceu de ilustre família, obteve grandes dignidades, ocupou elevados postos; distinguiu-se pela penetração, pela vivacidade, pela solidez de seu talento; foi esplêndido na mesa, magnífico no séquito; não se viu prelado mais ostentoso nem ministro mais lúcido. O Espírito Santo usa outra linguagem; Deus julga das coisas de outra maneira. Agradou a Deus; e isto foi o que fez tão grande este pontífice. Repartiu grandes esmolas, e nisto consistiu sua verdadeira grandeza. Todos convêm nesta verdade; mas quando chegará o tempo de conformar-se com ela?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus, e o mesmo que o do dia 5.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** [27] Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? [28] Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. [29] Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: [27] Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? [28] E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. [29] E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Deve-se deixar tudo, e tudo se deve sacrificar por Deus

Primeiro ponto

Considera que, estando obrigados indispensavelmente a amar a Deus com todo o nosso coração e com todas as nossas forças, isto é, sem miramento nem reserva alguma, pela mesma razão devemos estar prontos a deixar tudo, a sacrificar tudo por obedecer-lhe e por agradar-lhe. Esta é consequência precisa do primeiro mandamento.

Só nos pegamos às criaturas pelo coração; as inclinações e a complacência são laços; onde há mais nós, ali há menos liberdade; aquilo que pouco se ama sem dificuldade se sacrifica. Pois, se fosse verdade que amamos a Deus com todo o coração, se fosse verdade que o amamos com todas as forças, custar-nos-á muito sacrificar-lhe o amor de todas as criaturas, que devemos amar tão pouco?

O renunciar às lisonjeiras diversões do mundo e o fazer todos os demais sacrifícios que parecem difíceis só é sensível pelos laços que é necessário romper. Pois o amor de Deus os consome, os abrasa todos sem dor e sem resistência. Tudo é fácil, tudo custa pouco a quem ama muito.

Mas merece Deus esse grande desapego, estes grandes sacrifícios? Compaixão causa ouvir esta pergunta. Que temos que não tenhamos recebido de Deus? Que possuímos que não seja seu? Seus são esses bens que idolatramos: temo-los como em depósito e quando muito como em arrendamento. Temos talentos; ele no-los deu e deu-no-los para negociar com eles; assim há de pedir-nos estreita conta de sua administração: concedeu-nos o uso deles só por certo tempo; emprestou-no-los por poucos dias e, falando a rigor, somos uns meros arrendatários do pai de família. Pode haver maior extravagância, maior loucura que resistir a restituir esses bens quando clama por eles seu legítimo dono?

Admiremos a bondade de nosso grande Deus: quer que lhe concedamos como dom gratuito aquilo mesmo que lhe devemos de justiça; quer que nos sirva de mérito o mesmo que havemos de fazer por dever; quer que lhe presenteemos o que é seu; porque na realidade que podemos oferecer-lhe nem sacrificar-lhe que seja nosso? Deus premia em nós seus mesmos dons. Que indignidade, Senhor, e que injustiça não querer dar-vos coisa alguma sem repugnância e sem dor! E que sejam mister infinitos discursos, mandamentos expressos e até também ameaças para conceder-vos aquilo que um acidente repentino nos pode tirar em qualquer hora! Que má vergonha, digamo-lo melhor, que falta de religião, sentir dificuldade em dar por seu amor! Que digo por seu amor? Em dar-lhe a ele mesmo uma curta esmola de seus mesmos bens! E depois admiraremos que aquelas casas opulentas venham a cair na maior miséria; que aquelas ricas heranças não cheguem à terceira geração; que os piratas se aproveitem e as ondas engulam numa hora o fruto de muitos anos; que um infiel correspondente se levante com todos esses cabedais de que recusamos a Deus uma pequena parte!

Segundo ponto

Considera que não só é justiça mas interesse nosso deixar tudo por Deus, ou ao menos estar prontos a sacrificá-lo tudo sempre que o mesmo Senhor nos peça este sacrifício. Nunca nos pede Deus algo senão para dar-nos muito mais: nada lhe damos a que não corresponda prontamente com o cêntuplo.

O que deixar por mim seu pai, sua mãe, seus irmãos, suas irmãs ou seus bens, receberá no presente o cêntuplo e depois a vida eterna. Dignou-se o divino Salvador explicar este cêntuplo para que não se confundisse com a vida eterna e quis que se entendesse bem que não dilata para tão longe o prêmio dos que lhe servem com generosidade; desde logo, já nesta vida recompensa esses pequenos sacrifícios; nenhuma boa obra fica sem salário pronto. Ao cabo do dia da vida se dá o céu, mas o cêntuplo se paga dentro do mesmo dia; e ao fim dele não se faz caso do cêntuplo nem entra em conta para o prêmio.

E não são só aquelas pessoas religiosas que tudo renunciaram efetivamente as que recebem logo visivelmente este cêntuplo; também o recebem todos aqueles que, obrigados por seu estado a conservar o uso dos bens temporais, os sacrificam a Deus com o coração por meio de um perfeito e sincero desapego deles. Paga-lhes Deus este desapego e recebe como sacrifício efetivo o que não é mais que afetivo desprendimento. Daqui nascem aquelas bênçãos espirituais e temporais que derrama o Senhor de ordinário sobre os bons; daqui aqueles recursos nunca imaginados que

tanto os alentam; daqui aquelas prosperidades jamais esperadas que costumam ser fruto da religião e da piedade dos pais. Meu Deus, que de mistérios ocultos revelará a morte!

Dirás: não se experimenta esse cêntuplo; mas fazem-se porventura esses grandes sacrifícios? Dá-se com todo o coração o que se tem? Deixa-se sem dor o que se possui? Não se suspira jamais pelo que se deixou no Egito do mundo? Essa cobiça, esse desejo de adquirir, essa ânsia por ganhar, essa dor quando sucedem perdas e contratempos, esse dilatar tanto a restituição apesar de tantos remorsos, esses salários tão disputados, essa dificuldade em dar esmola, tudo isto é prova de um grande desapego? É um testemunho de que estamos prontos a fazer os maiores sacrifícios? O coração está agarrado aos bens temporais, cada dia se multiplicam os laços; e depois nos queixaremos de que não recebemos o cêntuplo!

Quando poderei, Deus meu, dizer com vosso apóstolo: *Senhor, eis aqui que tudo deixei por vós!* Quando me aproveitarei do grande exemplo que me dá São Pedro Celestino deste perfeito desapego! Esperarei porventura a que a morte me tire tudo para dizer que quero seguir-vos? Não, divino Salvador meu, que então seria muito inútil a dor e o arrependimento; não quero já ter pegado meu coração a coisa criada; tudo deixo por seguir-vos e não esperarei a que a morte venha romper estes laços.

Jaculatórias

> *Quid mihi est in cælo, et a te quid volui super terram?* Sl 72.

Que posso eu, Deus meu, desejar no céu nem na terra fora de vós?

> *Domine, ad quem ibimus? verba vitæ æternæ habes.* Jo 6.

A que parte nem a que coisa me inclinarei eu, Senhor, se só vós tendes palavras de vida eterna?

Propósitos

1. Jesus Cristo deu por ti até a sua mesma vida; que deste tu por Jesus Cristo? Coisa estranha! Nada temos que não tenhamos recebido de Deus: bens, honra, entendimento, saúde, vida. Todas as criaturas nos pregam seus dons; só de sua liberalidade esperamos tudo aquilo que apetecemos. E qual é nossa correspondência? É certo que nada lhe negamos? Obedecemos a sua vontade, observamos com pontualidade e com respeito seus santos mandamentos? São muito exatas na observância de suas regras todas as almas religiosas? Bastante acharemos aqui de que confundir-

nos e sobressaltar-nos. Faz-se-nos conhecer bem claramente a vontade de Deus pela Igreja, pelos superiores, pelos doutores e por nossas regras: considera se a cumpres com fidelidade e se te opões a ela em algo. Muito tempo há que desejas fazer a Deus o sacrifício dessa mortificação, desse ressentimento; quando hás de reduzir à prática esses desejos? Não se passe este dia sem que ponhas em execução o que tanto tempo há estás prometendo inutilmente.

2. Poucos dias há, e dentro dos dias poucas horas, em que não se ofereça ocasião de fazer a Deus algum sacrifício; uma palavrinha, um olhar curioso, um levíssimo ato de mortificação pode ser muitas vezes de grande mérito. Não se te passe dia sem fazer a Deus algum destes curtos sacrifícios; determina na oração da manhã qual há de ser o daquele dia. Umas vezes tal fruta, outras tal prato, outras tal vestido, tal gala, tal adorno, algumas vezes tal visita, tal diversão, tal gosto. Também poderás sacrificar-lhe a resolução de fazer uma visita de atenção ou de carinho a tal ou tal pessoa que te desgostou e a quem já olhas com frieza e com ressentimento. Não passes o dia de hoje sem haver feito algum destes pequenos sacrifícios; estas são aquelas indústrias espirituais com que se formam os santos. Já em outra parte se disse quanto agrada a Deus a piedosa prática daqueles que no primeiro dia do ano tiram por sorte a fruta de que se hão de abster em todo ele por seu divino amor. Verdadeiramente que o amor de Deus é engenhoso.

[^1]: O OCR traz «1264»; a eleição e consagração de Celestino V deram-se em 1294. [^2]: O OCR traz «Bonifacio VII»; trata-se de Bonifácio VIII (Benedito Caetani). [^3]: O OCR traz «1305»; a canonização de Celestino V por Clemente V ocorreu em 5 de maio de 1313.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:21 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:21 by Admin